

Setúbal, nos EUA: Problema não é só a dívida externa

O GLOBO

SÃO PAULO — Um discurso em favor da retomada do crescimento econômico brasileiro; no equacionamento da dívida externa a longo prazo, com carência e juros adequados; de profundas reformulações na ordem econômica ocidental; e contra ortodoxias monetárias na política econômica foi pronunciado ontem, na Johns Hopkins University, de Washington, pelo Presidente do Banco Itaú, Olavo Setúbal.

— É inviável que as decisões de política econômica sejam anguladas apenas, e tão-somente, pelo problema da dívida externa — disse Setúbal. — Esquecer a manutenção do nível de emprego e de renda da força de trabalho como responsabilidades governamentais

precípuas, é estimular a explosão social — afirmou o banqueiro.

Para Setúbal, o impasse gerado pelo fato de que só o pagamento de juros da dívida externa consome 60 por cento das exportações brasileiras transcende a ortodoxia das normas reguladoras do Fundo Monetário Internacional (FMI), cuja política dá ênfase a saldos comerciais cada vez mais amplos. Para isto, contudo, a taxa mínima de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) teria que ser de quatro por cento ao ano. Superávits comerciais não poderão ser obtidos, de resto, com a compressão das importações, disse o banqueiro.

Segundo Setúbal, o que a comunidade internacional precisa compreender é que preservar o ritmo de desenvolvimento do Brasil é

mais importante do que ganhar a luta contra o déficit do balanço de pagamentos.

A abertura é uma condição necessária mas não suficiente, para a democratização do País, disse o banqueiro Olavo Setúbal. "Impõe-se agora vencer a etapa decisiva representada pela sucessão presidencial", pois o próximo Presidente terá a incumbência de efetuar a reconstrução econômica da Nação.

— A dimensão política de nossa crise faz da eleição presidencial a etapa fundamental de consolidação da obra de democratização, motivo pelo qual a maioria dos brasileiros repudia tudo o que possa viciar, perverso ou comprometer a afirmação da vontade democrática — afirmou Setúbal.

29 SET 1983